

A CERIMÔNIA DE POSSE COMO ESPAÇO DO CONSENSO POLÍTICO NA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA

Ariane Diniz Holzbach

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela UFPE. Editora-assistente da revista Contracampo. E-mail: aridiniz@gmail.com.

Resumo: *Este trabalho pretende fazer uma reflexão em torno da dimensão cerimonial do dia de posse na democracia brasileira. Para tanto, como objeto de estudo, serão analisadas as matérias publicadas em O Globo no dia seguinte à primeira cerimônia de posse de Luiz Inácio Lula da Silva, ocorrida em 01 de janeiro de 2003. Mais do que evento de troca de presidentes, o ritual de posse configura um espaço de ausência temporária de disputas políticas e onipresença consensual. A cerimônia extingue os conflitos inerentes ao processo político, e o jornal, como agente político-midiático significativo, reforça essas características.*

Palavras-Chave: *cerimônia de posse. consenso. democracia representativa.*

Emocionados, Lula e FH se atrapalham com a faixa

O clima de emoção e a quebra de todas as regras do protocolo marcaram ontem a passagem da faixa presidencial de Fernando Henrique Cardoso para Luiz Inácio Lula da Silva e a posse dos novos ministros. Com passos lentos e um largo sorriso, Lula subiu a rampa do Palácio do Planalto pela primeira vez sem disfarçar a emoção de estar realizando um sonho cultivado durante 13 anos. Do alto da rampa, Fernando Henrique o esperava de braços abertos. Lula mal conseguiu falar e abraçou carinhosamente o antecessor. Logo atrás, também emocionado, o chefe da Casa Civil, José Dirceu, caminhava lentamente, observando cada detalhe do momento histórico.

O trecho acima foi retirado de uma matéria de política do jornal O Globo, publicada no dia seguinte à primeira posse de Luiz Inácio Lula da Silva como presidente. O evento ocorreu no dia 01 de janeiro de 2003, em meio a uma grande celebração popular que fez mais de 200 mil pessoas se deslocarem até Brasília para assistir ao evento que o jornal e vários outros meios de comunicação qualificaram como sendo histórico. A passagem da faixa

presidencial de Fernando Henrique para Lula representou simbolicamente não apenas a troca de um governo por outro, mas uma ruptura (pelo menos aparente) de um modo de governar, em que predominaram representantes da elite do país, para uma forma de governo comandada por um antigo líder sindical, sem muito estudo e representante das classes mais humildes da nação.

O dia da posse, dentro do sistema da democracia representativa, constitui um evento político ainda pouco explorado mas muito significativo, por causa da sua dimensão cerimonial. Trata-se de um ritual que, na sequência de uma longa e freqüentemente dividida campanha eleitoral, momentaneamente apaga os conflitos e cimenta a união nacional (Dayan e Katz, 1984). Nesse sentido, a cerimônia de posse representa a transfiguração de um simples candidato de um partido, que obteve a maioria de votos mas não a sua totalidade, em um legítimo representante de *toda* uma nação. Assim, mais do que a afirmação simbólica da democracia representativa, a cerimônia criada em torno da passagem da faixa presidencial reforça o compromisso de todos os cidadãos em torno dessa democracia.

O evento da posse presidencial se caracteriza por um ritual de transição de poder que, por sua própria natureza excepcional, permite uma suspensão temporária da ordem cotidiana. Trata-se de um evento regido pelo seu valor simbólico: todas as suas partes valem pelo que significam. Os meios de comunicação, através dos jornalistas, abarcam para si o papel fundamental de imortalizar o acontecimento, de mediar o evento e transportá-lo do espaço físico para o imaginário. (Dayan e Katz, 1984). No caso da posse, os meios de comunicação refletiram essa singularidade no modo como reportaram os eventos do dia, elaborando textos em que a estrutura e o conteúdo diferem significativamente do que se entende usualmente como discurso jornalístico. A posse de um presidente dentro da democracia representativa, sobretudo do maior representante da oposição do país, define um espaço de fala por parte do jornal que o permite transcender a mera transmissão. É em torno da dimensão cerimonial da posse e do lugar do jornal na transmissão do evento que este artigo pretende levantar uma reflexão.

Para dar cabo do desafio, propõe-se analisar as matérias que repercutem o Dia da Posse de Lula publicadas por O Globo em 02 de janeiro de 2003, no dia seguinte ao evento. Além de um ritual político marcante, a posse de Lula apresenta características adicionais, que valorizam o momento escolhido para análise: foi a primeira vez, desde a retomada da democracia, que um presidente transmitiu pessoalmente a faixa presidencial a um novo líder.

Afora isso, trata-se da finalização de um evento marcado pela vitória inédita de um líder operário, apoiado por um partido político que, historicamente, construiu sua trajetória se auto-definindo como partido de esquerda.

As matérias analisadas foram publicadas no caderno de política, denominado “O País”, e se referem diretamente ao processo de ascensão de Lula como presidente. Das trinta e seis páginas do jornal referentes ao dia da posse publicadas, vinte e uma serão analisadas porque tratam diretamente do novo presidente. As demais discutem questões acerca de novos ministros e governadores e sobre o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, e não serão objeto de análise deste trabalho. O conjunto a ser observado perfaz um total de trinta e cinco matérias, contando com o texto presente na primeira página e com a publicação na íntegra do discurso de posse proferido por Lula (que ocupou três páginas).

A análise que se pretende fazer gira em torno de dois eixos: a importância da cerimônia de posse no Brasil e a forma como O Globo construiu sua mensagem no sentido de reforçar elementos constitutivos desse ritual. No primeiro caso, a intenção é refletir sobre a cerimônia de posse, suas características e como elas se desenvolvem no contexto brasileiro. No segundo caso, a idéia é problematizar de que maneira a narrativa dos textos é construída no sentido de reforçar a cerimônia de posse como o espaço temporário da ausência de disputa e da onipresença consensual.

2. A importância do Dia da Posse de Lula

A posse de Lula em 2003 foi a quarta de um presidente eleito desde o fim da ditadura militar, um número ainda bastante modesto que realça a importância desse evento. Trata-se, muito mais do que uma simples cerimônia de troca de presidentes, de um momento de reafirmação das premissas que formam uma democracia representativa (Manin, 1995), e um pacto firmado entre o povo e o novo presidente. É com a realização da posse que os direitos e deveres da população são concretizados no que concerne à escolha do líder da nação que vai delinear os rumos do país pelos próximos quatro anos.

No caso do Dia da Posse em questão, essas características são levadas ao extremo, posto que pela primeira vez na história do país um ex-operário, que fugiu com a família pobre do Nordeste para tentar a vida em São Paulo, sem curso superior e líder do (então) maior partido de oposição da nação (o PT, Partido dos Trabalhadores) chegou à presidência da

República. E isso depois de vencer com grande margem de votos¹ o candidato da situação, José Serra, que era apoiado pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, o qual governou o país por oito anos. Tanto em 1989, quando Fernando Collor de Mello venceu as eleições presidenciais, quanto em 1994 e 1998, quando foi a vez de Fernando Henrique, as personagens políticas que ascenderam representavam a elite nacional. No primeiro caso, Collor era representante das oligarquias políticas de Alagoas, integrante da família que é dona da retransmissora da Rede Globo no estado. Fernando Henrique, por outro lado, é filho de um general do Exército e trilhou sua biografia na academia, como sociólogo. Com a vitória de Lula, ao contrário do que aconteceu anteriormente, a personagem política que subiu ao poder não tem curso superior, construiu sua biografia política ao lado de um partido identificado com a esquerda e, principalmente, aliou sua trajetória política à forte identificação popular².

Além do valor para a democracia representativa, a própria cerimônia de posse de Lula foi bem diferente das anteriores. Na esperada posse presidencial de 1985, a população estava ansiosa para proclamar Tancredo Neves o primeiro presidente civil pós-ditadura (mesmo tendo sido eleito de forma indireta). Em meio a uma grande comoção popular, todavia, Tancredo não chegou a assumir o poder, pois foi internado com fortes dores abdominais na véspera da posse, que ocorreria dia 15 de março, causando um anticlímax total. Assim, José Sarney assumiu o poder, e Tancredo morreu cinco semanas depois. Na segunda posse, a primeira em que o eleito foi escolhido pelo voto direto, houve até uma expressiva presença popular para receber Fernando Collor. Mas não houve a presença de Sarney e nem troca de faixas, sem contar com o fato de que seu governo durou apenas dois anos e meio, por causa do impeachment que sofreu em 1992. Itamar Franco tomou o lugar de Collor de modo discreto, sem os protocolos de uma posse oficial. E, por fim, quando Fernando Henrique assumiu o poder, ele se elegeu como pai do Plano Real, desenvolvido durante o governo de Itamar. Com isso, seu governo foi entendido como uma espécie de continuação do governo anterior.

¹ De acordo com dados do Tribunal Superior Eleitoral, Lula ganhou as eleições com 39.455.233 votos válidos, ao passo que José Serra teve 19.705.445 votos a seu favor, o que dá uma diferença média de 20 milhões de votos a favor de Lula. Dados consultados no endereço eletrônico www.tse.gov.br dia 04/08/2006.

² É fato que esse perfil foi atenuado na campanha de 2002, seguindo uma orientação de estratégia de campanha e marketing político que ficou conhecido como o estilo “Lulinha paz e amor”. Mas o PT, até hoje, passa uma imagem de partido com forte simpatia com a esquerda.

Diferentemente das anteriores, a posse de Lula conseguiu conciliar duas características bastante distintas: a alternância real de poder, que já havia ocorrido em 1989, e uma posse civilizada e protocolar, como aconteceu em 1994 e 1998. Essas características podem ser observadas no passado, mas no caso de Lula aconteceram simultaneamente, o que, de certa forma, acaba por definir a posse como um ritual que dramatiza a democracia. É dessa forma que a primeira posse de Lula se opõe às anteriores. Houve uma enorme mobilização popular desde que foi constatada a vitória nas urnas e até o dia da posse. A mídia nacional mostrou comemorações nas ruas feitas pela multidão em várias partes do país. Pouco depois de constatada a vitória, no final de outubro de 2002, o Jornal Nacional, um dos principais telejornais do país, entrevistou Lula durante 75 minutos ao vivo, na bancada onde é apresentado o jornal – um fato inédito (Miguel, 2002). Além da aclamação popular que a posse de Lula recebeu, foi a primeira vez na história do país que um presidente civil transmitiu a faixa ao novo presidente, com o reforço de que o agora ex-presidente concedeu poder a uma nova figura que tinha identificação com a esquerda.

Por tudo isso, não causou espanto a euforia com que o PT, o povo e a mídia trataram o evento. A cerimônia foi minuciosamente organizada pelo publicitário Duda Mendonça e, de acordo com dados divulgados pelo PT, o partido pagou todos os gastos da festa, que somaram R\$ 1,5 milhão³. Artistas famosos como Zezé di Camargo e Luciano e Zeca Pagodinho fizeram apresentações antes da realização da cerimônia. Seis mil policiais militares, 1.500 bombeiros e 200 delegados da Polícia Civil estavam a postos em diversos pontos da Esplanada dos Ministérios. Como uma grande festa de carnaval, jornais e programas de televisão divulgaram o cronograma de atividades e informações de interesse do público, como os locais onde foram instalados banheiros e a posição dos telões que transmitiram a cerimônia e os shows. De acordo com O Globo, cerca de 200 mil pessoas ovacionaram o novo presidente do Brasil.

Mas a importância da posse vai muito além dos números quando se coloca em questão o ritual de passagem que o evento anuncia. A cerimônia é, ao mesmo tempo, uma

³ É interessante observar este dado sabendo que na segunda cerimônia de posse de Lula, em 01 de janeiro de 2007, foram gastos dois terços desse montante, R\$ 1 milhão, embora apenas 10 mil pessoas acompanhassem o evento, ou seja, 5% do público presente em 2003. A cerimônia toda de 2007, aliás, difere significativamente da anterior. Não só por causa da ausência popular, mas o caráter histórico enfatizado em 2003 desaparece e a participação do PT é bastante reduzida. Fernando Henrique, que sorri ao lado de Lula na transmissão da faixa, em 2003, é um dos maiores críticos de Lula quatro anos depois. Os jornais refletem essa mudança na cobertura da segunda posse, além de analisarem criticamente o governo que terminava.

estrutura de ação e de pensamento (Geertz, 1980) que a cultura nacional criou para enfatizar o poder recém-conquistado. Em termos simbólicos, trata-se de um momento único, criado para ser símbolo de uma espécie de unificação nacional, em que todos estão ideologicamente do mesmo lado, ou seja, do lado do presidente. O evento da posse entra no imaginário nacional como um momento (talvez o único) em que as disputas que regem a vida política cedem espaço ao consenso. Durante a cerimônia de posse, toda a população parece cantar feliz no mesmo ritmo, e isso mesmo que o país esteja mergulhado em crises políticas, sociais ou econômicas, como foi o caso do período em que a posse de Collor ocorreu⁴.

Além da superação momentânea dos conflitos, outros elementos se juntam ao ritual da posse para formar o que Dayan e Katz (1983) chamam de cerimônias públicas contemporâneas: ele é planejado e realizado para ser um acontecimento excepcional, o protagonista do evento se transforma quase em um mito e há a expressiva participação e reação do público durante todo o processo. Mas essa reação, é importante enfatizar, está longe de ser totalmente espontânea: ela é definida e canalizada⁵.

Indo mais além, pode-se afirmar que a cerimônia de posse ainda guarda uma importante característica. Sabe-se que, no Brasil, a história das posses presidenciais é recente, mas a forma como o ritual se desenvolve, com as rotinas e os protocolos, faz crer que se trata não de algo recente, mas de um evento que já faz parte da tradição do país. A cerimônia de posse é claramente uma tradição inventada (Hobsbawm, 1984)⁶. No Brasil, a posse tem um caráter de repetição e continuidade (geralmente, o processo protocolar é o mesmo em posses consecutivas), suas rotinas são bem definidas e aparentemente imutáveis e existe uma forte tentativa de ligar o evento ao passado (Hobsbawm, 1984). Analisada superficialmente, a cerimônia causa a impressão de que integra a cultura da nação há muito tempo. Mas quando observada com acuidade, percebe-se que muitos de seus elementos cumprem apenas uma função ilustrativa, sem terem um papel definido, o que não acontece com uma tradição

⁴ Ninguém que viveu o período vai esquecer os graves problemas econômicos que assolavam o país: no ano anterior à posse de Collor, o IBGE constatou uma inflação de 1.764%. Sarney já havia feito três planos econômicos para pôr fim à crise, sem sucesso.

⁵ Couldry (2003) tem uma visão diferente daquela definida por Dayan e Katz, que relacionam o ritual à manutenção e à produção da integração social, seguindo a linha de pensamento de Durkheim. Sem negar a importância durkheimiana, Couldry afirma que as relações entre ritual e integração social não são inseparáveis, e que o ritual não está ligado ao que a sociedade compartilha, e sim à forma como ela gerencia os conflitos.

⁶ Este conceito foi desenvolvido por Hobsbawm, que o define como sendo um conjunto de práticas ou ações, de natureza ritual ou simbólica, que são reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas, e que “visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição (...)” (1984:9).

surgida espontaneamente. Os elementos da cerimônia são fixos, ocupando as mesmas posições, desempenhando os mesmos papéis. O ato da transmissão da faixa, por exemplo, não tem exatamente uma função concreta, já que Lula se torna presidente quando assina o termo de posse, e não quando recebe a faixa. Mas, em termos simbólicos, quando o ex-presidente retira a faixa de seu corpo e entrega ao novo presidente, está simbolicamente transmitindo poder.

3. A posse em O Globo

3.1 A primeira página

Vitrine e espelho do jornal, a primeira página deve servir tanto para seduzir o leitor e convidá-lo a explorar as demais páginas quanto para fazer um resumo dos principais assuntos que serão tratados. No dia posterior à posse, portanto, não é de se estranhar que Lula e a cerimônia configurem o assunto principal. Para mostrar os principais aspectos do evento, O Globo acabou por hierarquizar, de modo eficiente, as três características essenciais que permearam o acontecimento, em termos simbólicos e políticos: a passagem da faixa presidencial, o caráter genuinamente popular da cerimônia e as principais ações protocolares.

A primeira metade da página, que compreende o espaço mais valorizado, descreve a transmissão da faixa e a presença do povo. Logo abaixo da logomarca do jornal, três fotos mostram a troca de faixa, o momento de maior peso simbólico do evento⁷. No centro da página, uma foto em que Lula é carregado por uma multidão, demonstrando a forte aproximação popular do novo presidente, e a manchete: *“Povo segue Lula e testemunha seu compromisso por mudanças”*. A manchete, aliás, oferece o aperitivo de boa parte do que será degustado mais à frente: a importância do povo na conquista de Lula. Um pequeno texto acompanha a foto central e discorre sobre a grande presença popular, a felicidade do presidente e o seu esforço em repetir que seu governo será totalmente diferente dos anteriores.

⁷ Não é objetivo principal deste trabalho analisar fotografias e recursos gráficos; a ênfase se dá nas matérias. Mas em certas ocasiões, como é o caso da primeira página, não há como analisar o texto isolado, posto que as fotografias cumprem um papel fundamental.

Na parte inferior da capa, normalmente dedicada a assuntos importantes, mas sem o peso do que é posto na metade superior e no centro, fotos ilustrando o desfile de Lula feito em carro aberto e a subida na rampa do Palácio do Planalto, ao lado do vice-presidente, José Alencar. Às ações protocolares da posse, também realizadas por outros presidentes na mesma situação, foi dedicada apenas a parte final da primeira página, e sem direito a texto explicativo. E mesmo esta região ainda conta com uma charge feita pelo chargista Chico que acentua não os protocolos, mas o povo. Ele desenhou um mapa do Brasil com Lula e dona Marisa, a primeira-dama, rodeados por várias pessoas sorridentes, aparentemente em festa. Embaixo, uma única frase: *“No flagrante, o Brasil toma posse de si mesmo”*.

3.2 Questões protocolares

Como o jornal está cobrindo uma cerimônia de posse, descrever as ações protocolares é uma obrigação. Para tanto, O Globo utilizou boa parte da primeira metade das 21 páginas que tratam do assunto e dividiu as matérias de forma cronológica: primeiro aparece Lula assinando o termo de posse, depois vem a troca da faixa para, então, vir a transcrição do discurso oficial de posse, tudo com as devidas análises de repórteres balizados pelo jornal.

Apesar de as matérias terem um caráter bastante descritivo, os repórteres não se ativeram em simplesmente narrar o acontecimento. O ritual propriamente dito foi cedendo espaço a interpretações de assuntos paralelos (Schudson, 1993) e nem sempre relacionados aos protocolos. Eles destacaram, por exemplo, a quebra de protocolo e euforia com que políticos receberam o presidente, e os textos refletem essa informalidade. Veja como começa o lead relativo à matéria da assinatura do termo de posse: *“Gargalhadas, palmas, aplausos e palavras de ordem tomaram conta do plenário da Câmara dos Deputados na solenidade de posse menos solene e mais informal que já se viu ali”*.

O lead, que deveria conter as principais informações sobre o processo de assinatura do termo, acaba discorrendo sobre gargalhadas e aplausos. E o texto ainda caminha muito antes de se referir exatamente ao acontecimento. A segunda parte do lead não se refere a Lula, mas aos vestidos usados pelas parlamentares: *“Praticamente todas as parlamentares vestiam-se de vermelho, assim como eram vermelhas também as diversas bandeiras que apareceram durante a cerimônia”*. Em termos lingüísticos, não há uso de gírias, mas muitas partes utilizam expressões informais e pouco usuais na linguagem jornalística. Ao se referir a

Severino Cavalcanti, que fez campanha contra Lula e agora o elogiava, o jornal afirmou que o então primeiro secretário da Câmara “*aproveitou a leitura do ato de posse para tirar uma casquinha na popularidade do novo presidente*”.

A parte mais descritiva é a que trata do discurso de posse. Até porque não há muito espaço para fugir da descrição: o jornal optou por transcrever todo o discurso, como fazem os jornais normalmente, limitando-se a dividir o texto entre algumas páginas, por uma questão de espaço, e intitular cada parte. E mesmo aqui não há muita liberdade, pois os títulos são feitos com trechos do texto lido por Lula.

3.3 O caráter popular

Depois de terminadas as matérias protocolares, o jornal abriu um amplo espaço para descrever a festa que permeou toda a cerimônia. Aqui, as matérias se dividem em dois grandes conjuntos: um que enfatiza a vida e felicidade de Lula e outro, mais extenso, que retrata a proximidade que ele tem com o povo brasileiro. Cerca de um terço de todos os textos se referem ao povo, à aclamação de Lula, à festa que se seguiu à posse.

Logo depois de finalizadas as matérias sobre o discurso oficial, o jornal uniu duas páginas repletas de fotos descrevendo a felicidade do povo. Acompanhadas de um título auto-explicativo, “*A praça (esplanada) é do povo*”, dez fotos ilustram a multidão nas ruas, pessoas pintadas, fantasiadas, escalando o mastro do Supremo Tribunal Federal... No centro das duas páginas, uma foto grande ilustra uma multidão cercando o Rolls-Royce presidencial onde Lula aparece, pequeno, acenando para todos. Ele é o motivo de tamanha celebração, mas quem aparece mesmo são os “populares”, como denomina o jornal. A única matéria presente nessas páginas descreve mais uma quebra de protocolo. O jornal dedicou sete parágrafos para discorrer, novamente, sobre as roupas das parlamentares. O destaque vai para Heloísa Helena, então senadora pelo PT, que pela primeira vez deixou a calça jeans e camiseta branca de lado para usar um “*chamativo vestido tubinho de renda que deixava os joelhos à mostra*”.

Os títulos, as quebras de protocolo, a estrutura das matérias e a organização temática dão ênfase à celebração popular e acabam por elevar Lula à categoria de mito. As matérias sobre Lula relembram o passado pobre e o esforço descomunal que ele teve que despender para chegar ao cume mais alto da vitória e do poder. A heroificação de Lula inspirou o uso de vários recursos de linguagem, a exemplo da metáfora “*Chuva poupou presidente Lula*”, a

qual indica que até o tempo ficou ensolarado por causa do desfile em carro aberto que ele faria. Nem o tom poético escapou: “*Tudo acontecia sob o céu de Brasília, onde os traços do arquiteto foram ora iluminados pelo sol da nossa terra, ora sombreados por nuvens carregadas, para que, feitas as contas, a chuva poupasse Lula*”.

Toda essa festa acontece em função de Lula, que é o protagonista do evento, e a quantidade de pessoas presentes acaba reforçando o seu prestígio. Afinal, se existe uma grande identificação entre as duas personagens – Lula e o povo –, nada mais coerente do que permitir que ambas as partes sejam descritas pelo jornal, o que configura a exata representação do povo no poder.

De acordo com o jornal, existe uma incomparável felicidade que acomete a todos: ao povo, ao próprio Lula, aos aliados políticos e à oposição. O povo e o novo presidente, como já pôde ser observado, têm um espaço significativo. O mesmo não se pode dizer em relação aos aliados políticos de Lula, que mais atuaram como figurantes. Nas duas primeiras páginas, os únicos aliados que aparecem são José de Alencar, que afinal era o vice-presidente, e Antônio Palocci, que seria o ministro da Fazenda e teve grande peso durante a campanha de Lula. Nas demais páginas, os aliados aparecem nas matérias sobre ações protocolares, embora desapareçam na parte do discurso de posse, e algumas vezes quando a matéria narra algum evento que aconteceu no interior da Câmara dos Deputados. Ironicamente, um dos poucos aliados que tiveram espaço mais expressivo foi Gilberto Gil, que seria ministro da Cultura. Um dos políticos com maior apelo popular, Gil fez um *pocket show* ao meio-dia e recebeu uma matéria pequena, conquanto localizada na parte superior da página, com direito a foto. Isso, é claro, só aconteceu porque entre as quatro músicas apresentadas, ao menos uma foi identificada justamente com o passado sofrido de Lula no sertão. Ao final da matéria, que marca a despedida de Gil do show, até o jornalista parece contaminado pela emoção: “*E o gramado da Esplanada arrepiou-se de tanto deslumbre*”.

A oposição também teve seu espaço no dia da posse. Nas primeiras páginas, ela apareceu mais que os aliados, visto que Fernando Henrique ganhou certo destaque. Ele é, inclusive, o maior representante da oposição nas páginas. No mais, poucos políticos dessa ala apareceram, como foi o caso de Severino Cavalcanti. Mas em todas as matérias, é interessante observar, os opositores mais parecem aliados, pois nem eles escapam da felicidade que contagia a todos.

3.4 A passagem de poder

O clímax do dia da posse em uma democracia representativa é a entrega da faixa ao presidente eleito. O momento marca simbolicamente a entrega do país a uma pessoa que abarca para si a responsabilidade de tomar as decisões por todo um povo. O Globo deu ênfase a esse momento, tanto na capa do jornal, como já foi descrito, como na matéria que descreve com detalhes a cerimônia. Aqui, o jornal pôde contar com um ingrediente inédito em posses anteriores: o agora ex-presidente eleito pelo povo entrega a faixa ao novo eleito. Fernando Henrique é descrito como um verdadeiro lorde: apesar de estar entregando um poder que por oito anos foi dele, está sempre sorridente e parece compartilhar da emoção que toma conta de Lula. A transmissão da faixa, ocorrida de um modo bastante civilizado, simboliza uma conciliação, não obstante temporária, entre os dois maiores grupos políticos do país, que em condições normais, não-regidas por um momento excepcional, são antagônicos.

Este momento talvez seja o ápice do consenso político que a cerimônia de posse representa. Como mostra o texto transcrito no início deste trabalho, até o maior símbolo de oposição a Lula é citado pelo jornal como incontrolavelmente satisfeito com a vitória de seu opositor e condizente com o novo poder que se instalava. Aqui, o apagamento da disputa é explícito: o político derrotado compartilha a alegria e emoção do vencedor. No decorrer do texto de página inteira (a transmissão da faixa recebeu uma única matéria, com quatro vinculadas), o texto descreve o nervosismo de Fernando Henrique, o qual, ao passar a faixa, deixou cair os óculos, e a dignidade de Lula que *“apanhou os óculos do amigo, que os colocou no bolso esquerdo do paletó”*. Uma das fotos que ilustram a passagem da faixa na capa concretiza esse consenso: Lula e Fernando Henrique estão abraçados e sorridentes, um encarando o outro, mas de uma forma aparentemente bastante amigável⁸.

A cordialidade que rege a passagem de poder foi compreendida e descrita pelo jornal, que trouxe mais um elemento ao evento: seu caráter histórico. Mas a história, aqui, é entendida não como um processo regido pela continuidade, mas como algo diferente,

⁸ É digno de nota observar como as matérias constroem uma relação excessivamente cordial, quase mítica, entre Lula e Fernando Henrique. Mítica porque os dois eram adversários políticos nas duas campanhas que elegeram Fernando Henrique e opositores indiretos nessa eleição que sagrou Lula vencedor. Seu maior opositor, José Serra, é até hoje colega de partido de Fernando Henrique, pelo PSDB, e teve apoio do então presidente durante toda a campanha eleitoral. Atualmente, inclusive, esse concorrência continua, posto que Fernando Henrique é um dos mais ferrenhos críticos de Lula e de seu governo. Mas no dia da posse em questão, o jornal constrói uma relação entre os dois que, para o leitor, perdura a sensação que são amigos de longa data...

singular. Muitas matérias qualificam os vários momentos da cerimônia como históricos, desde a euforia com que a população recebeu o presidente até a emoção da totalidade dos políticos. No caso da passagem da faixa, o repórter não se fez de rogado ao fazer a constatação no início de uma vinculada: *“A imagem vai ficar para a História. O abraço dado pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso no recém-empossado Luiz Inácio Lula da Silva, no alto da rampa do Palácio do Planalto, foi o apogeu do processo de transição entre os dois governos”*.

4. Conclusão

A maneira como O Globo reportou a cerimônia da primeira posse de Lula atuou sob uma grande temática: o povo brasileiro estava em festa por causa da vitória de Lula. Seguindo essa premissa, todas as matérias foram construídas para balizar a afirmação. O jornal descreveu, com ênfases diferentes, todos os que de alguma forma estavam envolvidos com o evento: o presidente, a população, os aliados e a oposição. Enquanto os aliados e a oposição pouco apareceram, o povo ganhou tratamento especial. Essa dedicação relacionada à participação popular sugere não apenas a identificação de Lula com o povo, mas também um importante elemento da relação entre a cerimônia e a cobertura do jornal. Percebe-se que O Globo utilizou diversas estratégias nos textos no sentido de reforçar a superação dos conflitos políticos.

Em primeiro lugar, todas as matérias tratam os eleitores como se fizessem parte de uma única ala política, ou seja, como se todos os cidadãos estivessem de acordo com o poder que começava a se instalar. Quando o jornal coloca na primeira página, em letras garrafais, a manchete já citada: *“Povo segue Lula e testemunha seu compromisso por mudanças”*, está fazendo muito mais do que introduzir o leitor à descrição da cerimônia de posse. Está dizendo que o povo, ou seja, que *todos* os brasileiros estão seguindo, andando junto com Lula, apoiando seus passos, mesmo aqueles que eventualmente não votaram nele. O jornal exclui todos os eleitores brasileiros que votaram em branco, nulo ou no concorrente de Lula no segundo turno, José Serra. Essa minoria não aparece representada em nenhuma matéria sobre a repercussão da posse, não há nenhuma citação dela nas páginas, muito pelo contrário. O Globo elaborou e organizou os textos de forma a parecer que *toda* a população brasileira está plenamente satisfeita com a ascensão de Lula.

Esse consenso político não está presente nas matérias porque o jornal quer conscientemente ajudar a manter um certo controle social (o que até acontece, mas não é o único nem o principal objetivo do jornal naquele momento), mas porque a cerimônia permite a criação desse consenso momentâneo (Dayan e Katz, 1984, Riviére, 1989). A cerimônia de posse é feita para ser um fato excepcional, criado para parecer único. Ela cava uma espécie de valo na continuidade histórica e abre espaço para a exceção. Desse modo, o consenso político permitido pela narrativa cerimonial e reforçado pelo jornal acaba expondo um problema intrínseco à democracia representativa: um candidato de um partido se transforma em representante de todos os eleitores, incluindo a parcela de cidadãos insatisfeitos (no caso de Lula, podemos citar, por exemplo, os 19 milhões de eleitores que votaram em Serra). Esse consenso é, portanto, falso, posto que, doravante a natureza da disputa inerente a todo processo político, um candidato eleito nunca vai representar a totalidade dos eleitores. O mesmo pode ser dito em relação ao apagamento da disputa política que acontece entre aliados e opositores de Lula. No momento da posse, os dois grupos acabam se misturando ideologicamente: todos estão do mesmo lado. Esse apagamento inerente ao ritual político, contudo, apesar de minar um conflito, é crucial para a integração das sociedades modernas, pois “contribui para a manutenção do equilíbrio do sistema social” (Riviére, 1989:171).

Como afirma Champagne (1995), nem sempre as “supostas” manifestações públicas traduzem a opinião de todo um povo, mesmo que um aparente consenso seja manifestado por muitos representantes da sociedade civil. Isso porque “a ‘vontade popular’ é um subproduto do funcionamento do campo político que se constrói na e pela luta das diferentes partes diretamente interessadas no jogo político” (Champagne, 1995:382). Nesse sentido, como o jornal integra um importante agente dentro do campo político-midiático, ele é uma das partes interessadas nesse jogo. Não é interessante para ele, no momento da posse, mostrar que existe uma parcela de insatisfeitos, e a opinião hegemônica prevalece. O jornal integra o conjunto de atores que agem na manutenção desse consenso, da mesma forma que acontece com outras mídias, especialmente a televisão, em que diversos canais transmitem a cerimônia⁹.

Aparentemente, a forma como o jornal informou a sociedade sobre a posse de Lula parece um desvio do que se convencionou chamar de jornalismo objetivo. A estrutura das

⁹ No Brasil, esse consenso curiosamente não aparece, em geral, nas revistas semanais de informação. Como elas não podem tratar o evento como factual, devido à rotina de circulação não ser diária, é comum as revistas descreverem a cerimônia de posse em linhas gerais e explorarem mais o espaço para analisar como deve ser o futuro governo, mostrando aspectos positivos e negativos.

matérias, que em geral são adjetivadas, interpretativas e fogem do texto simples, direto, imparcial e sem excessos lingüísticos, leva um leitor mais desatento a pensar que O Globo inovou na forma de reportar um fato. Poder-se-ia afirmar que a maneira como o jornal tratou as informações é fruto de uma fuga momentânea em relação às regras que regem a instituição midiática no Brasil, especialmente àquelas relacionadas ao conceito de “objetividade”. Todavia, o ritual cerimonial, com toda a sua exceção, permite ao jornal narrar as informações de uma forma diferente.

Essa suspensão dos conflitos, entretanto, acaba junto com o término da cerimônia de posse: os opositores voltam a ser contra o governo, a população insatisfeita volta a ter voz e a mídia volta a mostrar os vários lados do jogo político, embora muitas vezes dê mais voz a um único lado, criando um falso apagamento do conflito. Mas aí esse apagamento tem significados completamente diferentes daqueles registrados durante a cerimônia de posse.

Referências

CHAMPAGNE, Patrick. “As sondagens, o voto e a democracia”. In: CANÊDO, Letícia Bicalho (org.). **O sufrágio universal e a invenção democrática**. Estação Liberdade. pp. 363-402. 2005.

COULDRY, Nick. **Media Rituals: a critical approach**. New York and London: Rutledge, 2003.

DAYAN, Daniel & KATZ, Elihu (b). Rituels publics à l'usage privé: métamorphose télévisée d'un mariage royal. **Annales: économies, sociétés, civilisations**. Paris, 38an., n.1, p.3-20, jan./fév. 1983. Trad. de M.T.G.F. de Albuquerque F.F.L. de Albuquerque. Rev. técnica de A. de Albuquerque.

DAYAN, Daniel & KATZ, Elihu (a). La télévision et la rhétorique des grandes cérémonies. In: FERRO, M., ed. **Film et histoire**. Paris: Ed. de l'École des Hautes Études, 1984. p.83-97. Trad. para o português de MTGF de Albuquerque e FFL de Albuquerque. Rev. técn. de A. de Albuquerque.

GEERTZ, Clifford. **Negara: o estado-teatro no século XIX**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1980.

HOBBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MANIN, Bernard. **As metamorfoses do governo representativo**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. nº 29, outubro de 1995, p. 5-34.

MIGUEL, Luis Felipe. **A Eleição Visível: A Rede Globo Descobre a Política em 2002.** Dados, v. 46. Rio de Janeiro, 2003.

RIVIÉRE, Claude. **As liturgias políticas.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.

SCHUDSON, Michael. “A política da forma narrativa: a emergência das convenções noticiosas na imprensa e na televisão”. In: Traquina, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias.** Lisboa: Veja Ltda., 1993. pp. 278-293